

GEPOLÍTICA E GEOGRAFIA POLÍTICA

Prof. *Everardo Backheuser*
Consultor Técnico do Conselho Nacional
de Geografia.

De tempos a esta parte entrou em uso nos meios técnicos a palavra *geopolítica* que, singela e elegante, conquistou logo as simpatias gerais, passando a ter emprêgo corrente. Corrente, mas nem sempre exato, pois, por motivos diversos que abordaremos, é confundida, por leigos e até por autores de geografia, já com *geografia política*, já com *política-ciência*. Valerá, portanto, a pena meditar um pouco o assunto, pois a frequência da confusão já começa a atingir os jovens que nas faculdades de filosofia se especializam no setor da geografia.

A confusão se origina, ao que pensamos, primeiro, de uma menor reflexão sôbre a composição etimológica da palavra; depois, pelo desconhecimento de como e porque ela apareceu; e, ainda, pela imprecisão de fronteiras entre política, geografia política e geopolítica.

Examinemos o problema sob estas três faces.

Etimologicamente No caso vertente, etimologicamente quer dizer analogicamente.

O vocábulo *geopolítica* tem por similares: *geofísica*, *geoquímica*, *geopsíquica* e tantas outras palavras formadas pela anteposição da partícula *geo* (terra) ao nome de uma ciência. Com *geo* são também constituídas outras expressões: *geografia* (descrição da Terra), *geologia* (ciência da Terra), *geogenia* (gênese da Terra) etc., mas estes vocábulos evidentemente se filiam a outra família glóssica. O paralelo de geopolítica há de ser estabelecido com o primeiro grupo.

Todos sabemos que *geoquímica* significa não geografia química, o que seria quase um não senso, mas o conhecimento da química do Globo Terrestre. Manuseai um só compêndio, o tratado clássico de CLARKE, *Data of Geochemistry*, e vos certificareis qual seja a esfera de atividade da geoquímica. Igualmente, por ser idêntico absurdo, ninguém diria que fenômenos geopsíquicos sejam fenômenos de geografia psicológica ou psiquiátrica. Passai os olhos no conhecidíssimo volume de HELLPACH *Geopsychische Erscheinungen* e verificareis que nele é estudado o modo pelo qual certas influências meteorológicas, topográficas, etc. atuam nas manifestações da alma humana e não a frequência das doenças nervosas segundo os países. O mesmo poder-se-á dizer da *geobélica*, que não é uma geografia da guerra, isto é, um estudo da distribuição das guerras pelos continentes e pelos Estados, mas uma especialidade de arte militar no que toca à condução da guerra, de acôrdo com certas condições telúricas, ou, no máximo, de acôrdo com determinantes de geografia física ou humana.

Da mesma sorte quanto à *geofísica*. É a "física do Globo", e, portanto, em essência, cousa mui diversa de geografia física. Certo, nessa

ciência a questão não se apresenta tão lididamente transparente como nos três casos anteriormente citados, sendo natural o aparecimento dessas sortes de confusão entre a geografia física, de um lado com a geofísica e, de outro, com a geologia, porque as fronteiras da geografia ainda estão imprecisas não só com estas como com muitas outras ciências, conforme mostramos alhures. Há, de fato, quem confunda, mais frequentemente do que devera acontecer, geofísica com geografia física e empregue tais vocábulos como sinônimos. Assim os dois espessos volumes do famoso *Handbuch der Geophysik* de SIEGMUND GÜNTHER foram resumidos em um pequeno livrinho para ginásianos brasileiros sob o título de *Geografia física*, embora quem o leia verifique logo não ser livro de geografia física no estilo dos de SUPAN ou de DE MARTONNE, mas, ao contrário, de fato, um compêndio de geofísica, de física da Terra.

Os quatro exemplos supra — *geofísica*, *geoquímica*, *geopsíquica*, *geobélica* — bastam, supomos, para indicar, por analogia, o sentido etimológico de geopolítica.

Apoiando-nos, pois, apenas em razões etimológicas, podemos dizer que:

“Geopolítica é a política feita em decorrência das condições geográficas”.

E, portanto, que:

“Geopolítica não é parte ou capítulo ou parágrafo da ciência Geografia, mas da ciência Política”.

Essas conclusões não devem, porém, ser consideradas definitivas porque nem sempre as expressões se empregam científica e literariamente em seu rigoroso sentido etimológico. A evolução natural da linguagem popular, e, tanto quanto desta, a da linguagem científica, altera o significado das palavras, não raro chegando-se até a sentidos antônimos dos originários. Com a expressão “geopolítica” tal não acontece, no entanto, quer por ser recentíssima, e sem tempo para desgastes desse gênero, quer porque, de fato, continua, segundo os melhores tratadistas, mantendo a acepção primitiva, só deturpada na pena ou na boca dos que, não investigando os problemas geopolíticos, empregam o vocábulo sem mais reflexão, *à la legère*.

O exame de sua história no-lo vai demonstrar.

Historicamente Raras expressões linguísticas poderão apresentar certidão de batismo tão limpa de rasuras quanto a palavra *geopolítica*. Seu lugar de nascimento é Upsala, na Suécia; seu progenitor, o sociólogo escandinavo RUDOLF KJELLÉN; o mês e ano de chegar ao convívio do vocabulário, os da primeira edição de *Staten som Lifsform*, isto é, Novembro de 1916.

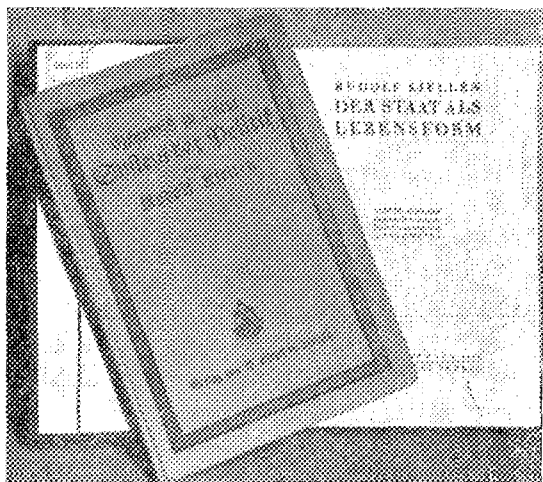
Esta monografia obteve, desde o primeiro momento, irrecusável sucesso. Traduzida, pouco depois, em alemão, as edições nesta língua se sucederam, e a expressão *geopolítica* foi ganhando o público universal em arrancos sucessivos. Em 1923 veio-lhe a consagração definitiva quando os ilustres professores K. HAUSHOFER, de München, e E. OBST, de Hanover, com a colaboração efetiva de H. LAUTENSACH, de Hanover, F. TERMER, de Wirzburg, e O. MAULL, de Francfort sôbre o Meno, lançaram importante revista da novel especialidade, *Zeitschrift für Geopolitik*, a qual mais tarde viria a ter alta influência nos destinos da nova Alemanha. Logo depois, apenas dois anos mais tarde, em 1925, o autor desta nota revelava ao público científico brasileiro, em ensaio sob o título “*A política e a geopolítica segundo KJELLÉN*”, as grandes transformações trazidas à concepção da sociologia e da política científica pelo mestre de Upsala. Depois da Escandinávia, da Alemanha e do Brasil, ou acaso concomitantemente com o terceiro, principiou a vulgarização do feliz neologismo que penetrou outros países e, talvez, por essas novas trajetórias, viesse também de novo a nossa terra.

Voltou, porém, transfigurado por interpretações várias, das quais as mais correntes são de confundí-lo de um lado com geografia política e de outro com política-ciência.

Antes de caracterizar-lhe as metamorfoses ulteriores, fixemos-lhe a significação originária, dada por seu próprio criador, que, em termos insofismáveis, colocava a geopolítica como um dos ramos da política e não de qualquer outra ciência.

Para pôr o leitor em situação de bem compreender que, segundo KJELLÉN, a geopolítica não é sinônimo ou setor da geografia política, permitimo-nos lembrar que aquele eminente sociólogo criou nova, larga e inteligente teoria de política científica, e só se utilizou da geo-

grafia como elemento subsidiário, ao mesmo título de outras ciências basilares daquela de que se tornara especialista — a política. Lede os seus livros; examinai *Grossmächte* (de 1911), *Die Grossmächte der Gegenwart* (1914), *Die Grossmächte und die Weltkrise* (1921), e tereis a prova do que vimos de dizer. Mas ainda melhor a tereis, bem mais transparente e explícita, em o citado *Der Staat als Lebensform* (1916) que é, como êle mesmo escreveu, “sua obra capital em política” (1) em *Grundriss zu*



Na impossibilidade de obter, no momento, a fotografia do sociólogo sueco RUDOLF KJELLÉN (1846-1922), criador da geopolítica, por êle considerada um dos ramos da política, reproduzimos a capa e página de rosto de suas duas obras fundamentais.

¹ “Dieses Buch ist bis heute meine Hauptarbeit, die meine über die verschiedenen Gebiete der theoretischen und praktischen Politik, (o grifo é nosso) verstreuten Werke zusammenfasst”.

einem System der Politik (1920). A obra de KJELLÉN (pronunciar *Djelên*) é obra essencialmente de um teórico da política. O último livro da lista acima, mau grado seu diminuto número de páginas, é precioso manancial para sintetizar, em poucas palavras, os pontos de vista do autor sobre a política em geral e sobre os seus ramos fundamentais, um dos quais a geopolítica. Este terá, pois, de ser considerado, repetimos, ramo da *política* e nada mais que ramo.

Resumamos, porém, suas idéias em meia dúzia de linhas, para o que nos valeremos de palavras nossas escritas no citado ensaio (2) :

“A política, segundo KJELLÉN, estuda o Estado por cinco modos diferentes, por meio de cinco elementos quase da mesma força que na frase do autor, são *como que os cinco dedos da mão que trabalha nas épocas de paz e luta nos tempos de guerra*. Dêses cinco dedos, o dedo polegar é o da geopolítica, a qual tem por objeto de investigação o país, ou seja, o solo político.

“Esse primeiro dedo, que corresponde ao *país*, fica separado de todos os outros que se referem mais diretamente ao homem.

“O segundo ramo da política é a *demopolítica* (ou *etnopolítica*) o qual estuda o povo e as raças não como o faria a etnografia, mas nas suas relações políticas como nação. Fazendo como que uma ligação deste ramo com o primeiro, a política tem um terceiro campo de investigações — a exploração do *país* pela nação para o desenvolvimento da autarquia econômica. Este terceiro ramo da política KJELLÉN o denominou *ecopolítica* e nós o chamamos *autarcopolítica*. Não é êle a economia política, nem a geografia econômica, embora mais próximo desta. O estudo da sociedade, dentro da nação, é objeto da *sociopolítica* (o Dr. RAMIZ GALVÃO a quem consultamos sugeriu o vocábulo *cenopolítica*, linguisticamente mais homogêneo). Como quinto e último ramo de estudo, o autor escandinavo compendia os assuntos que diretamente se referem às questões de governo e administração, ou seja ao regime político e às manifestações da soberania e que vulgarmente são considerados como os únicos ou os principais objetos da política: é a *cratopolítica* de KJELLÉN”.

Aí tendes, em mui sucinto resumo, compatível com a natureza desta nota, a concepção concreta de KJELLÉN a respeito da política e

² Esse ensaio está reproduzido em *Estrutura Política do Brasil, Notas prévias*, 1926, pág. 87.

dos seus cinco ramos fundamentais. Vemos, ao mesmo tempo, que, para bem caracterizá-los, o sociólogo sueco inventou neologismos eloquentes, um dos quais êle próprio depois alterou com inteiro fundamento (*demopolítica* em vez de *etnopolítica*); de dois outros, ousamos, na preocupação de vulgarizador, apresentar crismas linguisticamente mais puros.



Esquema das relações da política e geopolítica com as ciências afins. As ligações do gráfico são, evidentemente, incompletas e incompletamente figuradas, pois só seriam satisfatórias em representação estenográfica.

É interessante notar que, com exceção de *geopolítica* tão estrepitosamente vitorioso, nenhum dos outros termos saídos da forja genial de Upsala conseguiu aceitação, antes caíram todos em olvido.

O enorme êxito da geopolítica provém, seguramente, da adesão de certo número de velhos e autorizados cultores da geografia, com coturnos anteriormente obtidos nas lutas desta ciência e que trouxeram para aquela o pêsco de seu indiscutido prestígio. E não houvesse sido êsse precioso contingente de vanguardeiros, possivelmente dos neologismos de KJELLÉN nem mesmo aquele houvesse vencido a couraça de indiferentismo do grande público. O grupo diretor e a maioria dos cola-

boradores do futuro órgão central da geopolítica foram recolhidos naquele opimo campo.

Várias razões teria havido para o apoio dos geógrafos à nova ciência. Em primeiro lugar, a similitude de alicerces, pois ambas, geografia e geopolítica, se apóiam



FREDERICO RATZEL (1844-1904), o afamado e conhecido renovador da geografia científica, cujas teorias sobre "espaço" e "posição" são, ao mesmo tempo, fundamento da geografia humana e da geopolítica.

nos mesmos resistentes princípios de "espaço" e "posição" da doutrina de RATZEL. De fato KJELLÉN, cumpre acentuar, não era um geógrafo, mas ao desejar firmar as bases telúricas da política, teria sopesado as várias teorias reinantes no campo da geografia e, verificando que a de RATZEL era aquela que apresentava melhor estrutura científica, tomou-a para guia de sua construção política, pondo, assim, em pé de igualdade, quanto aos fundamentos essenciais, geografia humana e política com geopolítica. Essa confortadora consagração, extra-alemã, a uma doutrina cara à ciência germânica atrairia, naturalmente, como atraiu, as simpatias dos geógrafos tedescos para as teo-

rias do pensador sueco. Em segundo lugar, o círculo de apoio à geopolítica foi avolumado porque a ela poderiam aderir também, como aderiram, geógrafos que fizessem algumas restrições a RATZEL, porque o sábio escandinavo não perfilhava, versículo a versículo, o código daquele autor, antes o modificara, em poucos pontos é verdade, mas em pontos sem dúvida substanciais. Em terceiro lugar, a adesão teria motivos psicológicos, pois para muitos, particularmente os não geógrafos, o novo vocábulo — *geopolítica* — é seguramente mais sintético, mais expressivo, mais gracioso que a expressão, imprecisa e antiquada, de *geografia política*, e, por certo, muitíssimo mais acessível, para os não germânicos, que a quilométrica *antropogeografia*.

Em consequência dessa adesão em massa dos geógrafos, principalmente alemães, à geopolítica haveriam de sobrevir as complicações que sobrevieram.

Uns tantos colaboradores de seu órgão central — *Zeitschrift für Geopolitik* (Revista de Geopolítica) — emprestaram à nova ciência a feição típica daquela tão nossa conhecida geografia política de moldes ratzelianos. Outros, porém, e em maior número, entraram a inserir arti-

gos dos mais variados temas, principalmente econômicos e políticos propriamente ditos, alargando assim os horizontes da dita revista, o que ainda mais fácil se tornou com a sua fusão com outro afamado magazine de economia e política — *Zeitschrift für Weltpolitik und Weltwirtschaft*. Ainda um terceiro grupo de colaboradores desviou-se para temas políticos particularmente alemães, já com o desejo de orientar o nascente regime nacional-socialista, já para defendê-lo com argumentos científicos.

Esse triplice encaminhamento do órgão central dos geopolíticos alemães tanto para a esfera da política geral quanto dos interesses partidários locais foi obra de seu próprio fundador e diretor Major General CARLOS HAUSHOFER, que assim procedia, não por equívoco ou por se deixar levar por fortuitas circunstâncias de momento, mas porque seu ponto de vista, larga e repetidamente explicado, era de que cumpria dar à geopolítica sentido mais amplo e fecundo que o recebido em Upsala, isto é, sentido de política propriamente dita, e de política de aplicação prática imediata.

HAUSHOFER orientou, portanto, a geopolítica alemã quase podemos dizer em divergência com a geopolítica originária tal como viera da Suécia. Para facilitar essa mudança de rumo contribuiu o falecimento prematura de KJELLÉN em 1922, com o que não só o sentido primitivo da expressão geopolítica ficou indefeso, como também a chefia do movimento veio caber, integral, ao ilustre catedrático de Munich.

Para leitores que não conheçam o *Zeitschrift für Geopolitik* e sua orientação poderíamos, vencendo o constrangimento de uma alusão pessoal, citar artigo encontrável em português mas originariamente aparecido naquela revista. Faz êle hoje parte, sob o título “Conglomerado político brasileiro” de nossa citada coletânea (“*Notas Prévias*”). Esse artigo não o considerávamos, e não era de fato propriamente de geopolítica, mas de política geral como se certificará quem o ler. Tal artigo, porém, não só foi publicado sem qualquer objeção ou dificuldade, como dele foi feito um apanhado que figura em *Bausteine zur Geopolitik*, espécie de vademecum, editado pelo corpo redacional do órgão central, com o fim de codificar os princípios da geopolítica segundo o ponto de vista alemão.

Poderíamos terminar aqui o nosso resumo histórico, pois nele está contido o que há de essencial da curta ainda que brilhante vida da jovem ciência. Alguns escritores, porém, HENNIG, HAUSHOFER e outros procuram enriquecer sua história com alguns capítulos, que êles mesmos chamam de prehistória. Não é difícil conseguí-lo. Bastaria, como bastou, buscar excertos “cheirando a geopolítica” em autores antigos que houvessem tratado de política, de geografia política, de história política, e enfileirar, então, palavras de ARISTÓTELES ou de PLATÃO, um pensamento do enigmático KANT ou do enciclopédico GOETHE, o que tudo é tão do sabor do estilo científico de alemães eruditos. E apareceram assim, nessa nebulosa prehistória, historiadores como VON TREIT-

SCHKE e RITTER, geógrafos como RICHTHOFEN e RATZEL. E não seria para desprezar um trecho de MONTESQUIEU!

Para mostrar a estreita ligação da política à geografia seja-nos permitida neste capítulo apenas uma citação que ainda não vimos em livro de ciência e que realmente pertence à prehistória da geopolítica. Não é de filósofo ou tratadista, mas de homem de estado e político prático: é de NAPOLEÃO BONAPARTE. Ele, que conhecia praticamente a ciência de governar os povos, disse certa vez que

“a política de um Estado está em sua geografia”,

verdade que por desconhecida tem ocasionado de fato desastres irremediáveis tanto na paz como na guerra.

Como esta frase de NAPOLEÃO, muitas outras poderiam ser recordadas à guisa de documentos da prehistória da geopolítica.

Para fixar a tese desta nota basta-nos, porém, o sumário do quadro histórico que debuxamos acima, o que nos conduz à conclusão de que:

“há divergência na acepção da geopolítica segundo o modo de ser exposta por seu criador KJEL-LÉN e por seu principal divulgador HAUSHOFER.”

Passemos, por isso, ao outro aspecto da questão: os conflitos da geopolítica com as ciências afins.

Conflitos de Interpretação Ciências do tipo da geografia e da política, que confrontam com várias outras, não raro estão sujeitas a conflitos de fronteira. Em palestra no Departamento Nacional de Produção Mineral (3) discutimos os principais atritos da geografia e especialmente da geografia física com outras ciências. Não tentaremos agora, aqui, análogo debate sobre a geografia humana, no que nos alongaríamos desnecessariamente. Baste, porém, sublinhar que tais frições são acaso ainda maiores neste último setor da geografia exatamente pela imprecisão das esferas de atuação da sociologia, da política e ciências decorrentes. Esses atritos são, em suma, consequência daquilo que o geógrafo inglês DAVIS dava como característica da geografia — o ser ela como que o *hall* de um edifício onde se encontram todos e que não pertence, propriamente, a alguém. Essa imprecisão de domínio, esse aspecto de *carrefour*, como traduzem os franceses, provém, tal como mostramos na aludida conferência, da falta de uma boa definição de geografia, aceita sem discussão ou reservas, por toda gente.

O que se diz da geografia há de se dizer também da geopolítica, logo que a êste ramo de saber se quiser imprimir autonomia cientifi-

³ Essa conferência foi publicada em REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, ano III, n.º 3, pág. 637 (1941) sob o título: “As fronteiras da geologia e da geografia e a unidade desta ciência”.

ca (4). Tudo quanto temos dito até aqui busca esclarecer que as principais confrontações da geopolítica, são com a história, com a geografia política, com a política científica, e afinal, pela força das circunstâncias, com a política prática, de execução, de realizações. Quase as mesmas são as linhas limítrofes da geografia política, quando se tome na acepção de RATZEL e não apenas como o estudo de impérios, de Estados, de territórios políticos organizados, isto é, quando se considere não a geografia política especial, porém a geografia política geral.

Analisemos rapidamente cada uma dessas confrontações:

a) *conflitos da geopolítica com a história.*

Com a história contemporânea, estudada como disciplina de causa e efeito e não apenas em seu aspecto de narração imparcial de acontecimentos, os contactos com a geopolítica e com a parte política da geografia humana são constantes. As três — geografia política, geopolítica e história contemporânea — se intrometem umas por dentro das outras sem se reconhecerem direitos de propriedade. E é interessante notar que os cultores de cada uma delas vêem em perspectiva confusa as duas outras. Para os sociólogos e para os historiadores, pelo menos para alguns deles, WALTER VOGEL e ROBERTO SIEGER por ex., geopolítica e geografia política são uma e mesma coisa.

A imprecisão dessas fronteiras, defrontamo-la nós, pessoalmente, ao desenvolver o curso de geografia humana nas Faculdades Católicas, constatando quão difícil é se manter alguém no âmbito rigoroso da geografia, sem passar para o da história, ao ser feito, por ex., o estudo dos Grandes Impérios da atualidade, pois a comparação dos planisférios desses três últimos séculos, se é estudo histórico, também o é da geografia científica.

b) *conflito da geopolítica com a política geral.*

Se são possíveis hesitações para delimitar as fronteiras da geopolítica com a história contemporânea, muito maiores confusões surgem com a política teórica e prática. Bastará para isso que os geopolíticos, na esteira de HAUSHOFER, queiram que a geopolítica, que é apenas a “parte”, se transforme na política, que é o “todo”.

De acôrdo com a boa razão um conflito entre geopolítica e política não poderia e não deveria existir, porque a parte não pode ser igual ao todo, mas como vimos pelo histórico, aí está êle, êsse conflito, aos nossos olhos, com todo o pêso de uma realidade, de “um fato consumado”.

Para dirimí-lo bastaria, quer nos parecer, recorrer ao ato de registro de nascimento da primeira lendo o que consta dos assentamentos. O criador da geopolítica, KJELLÉN, a caracteriza, a nosso ver, de modo inequívoco:

⁴ Vide o capítulo de RUPERT VON SCHUMACHER sob o título. *Ist Geopolitik eine Wissenschaft?* in “*Grundlagen der Geopolitik*”.

“Geopolítica é o ramo da política que estuda o Estado como organismo geográfico ou como fenómeno de espaço (Erscheinung in Raume), portanto como país (Land), territorium e dominium (Gebiet), ou, mais exatamente, como Reich.” (5)

Esta definição cristalina, lapidar, claríssima, destrói de pronto a confusão oriunda da interpretação de HAUSHOFER (a que acima fizemos larga referência), porque na noção de *dominium* há de fato intrinsecamente qualquer coisa de fenómeno económico. Que KJELLÉN não quereria incluir os fenómenos económicos na esfera de atuação da geopolítica é fora de dúvida porque para eles reservou ramo especial no seu *Sistema de Política*, quando criou a *ecopolítica* (ou, como a chamamos, a *autarcopolítica*).

O ponto de vista de HAUSHOFER e do grupo diretor do *Zeitschrift für Geopolitik* é um pouco diferente, e nos é dado em uma espécie de manifesto, reproduzido mais tarde como primeiro capítulo de *Bausteine zur Geopolitik*, manifesto que constitui como que um código de princípios com as seguintes conclusões reproduzidas abaixo quase textualmente: (6)



Major General KARL HAUSHOFER, fundador e diretor da "Zeitschrift für Geopolitik" (Revista de geopolítica), órgão central, em Berlim, da nova ciência, cuja orientação se caracteriza por um sentido demasiado largo da concepção originária de KJELLÉN.

“A geopolítica é a ciência que estuda os vínculos que prendem os processos políticos ao solo (terra).

Assenta sobre o largo fundamento da geografia, principalmente da geografia política como doutrina e sua estruturação.

A essência dos espaços terrestres abraçada pela geografia dá o quadro da geopolítica dentro do qual

⁵ *Reich* é palavra difícil de traduzir em português, porque nela está contido o sentido de solo político e de quanto nele se encerra, isto é, o *dominium* propriamente dito, no sentido latino do vocábulo.

⁶ In *Bausteine zur Geopolitik*, pág. 27.

se deve realizar a evolução da política prática, se quiserem ter resultados duradouros. Certamente os agentes da vida política por vezes ultrapassarão esse quadro, porém mais cedo ou mais tarde os vínculos do solo acabarão se impondo. No sentido desse conhecimento a geopolítica quer fornecer os instrumentos para a atividade política e ser o guia na vida política.

Com isso a geopolítica se torna uma ciência que dá técnica para a política prática.

A geopolítica deve se tornar a consciência geográfica do Estado”.

Nessa definição de princípios estamos, como se vê, um pouco longe da singeleza de KJELLÉN. Não é de admirar, portanto, que em mais um saltozinho, HENNIG pudesse em seu tratado *Geopolítica* dizer à pág. 1, dilatando-lhe ainda mais o sentido, que:

“Geopolítica é a ciência do Estado como ser vivo”.

A transcrição desses dois trechos evidencia ser flagrante o conflito entre a geopolítica e a política, precisamente porque os cultores daquela, em expansionismo evidente e avassalador, estenderam de muito sua esfera de ação já de si importante e valiosa. O conceito de HENNIG nos parece todavia inconcebível exagêro da extrema esquerda da corrente haushoferiana.

Se quisermos, porém, ficar estritamente, como convém, dentro do pensamento de KJELLÉN, poderemos afirmar sem medo que a base geográfica é essencial à política (a frase de NAPOLEÃO nos parece decisiva), mas que a ciência gerada desse conceito filosófico — a *geopolítica* — é apenas “um dos dedos” da política. Não é somente êle o que se movimenta, mas conjuntamente com êle, todos os demais “que trabalham na paz e lutam nos tempos de guerra”.

c) *Conflito da geopolítica com a geografia política.*

A definição de geopolítica dada acima, do punho autêntico de KJELLÉN, tem a vantagem de diferenciar ao mesmo tempo a geopolítica da política e da geografia política. Estabelecendo ser ela “ramo da *política*” claro é que não poderá ser considerada como “ramo da *geografia*”.

Assim é em princípio. Quando se trata, porém, de focalizar, mais de perto, o problema da diferenciação entre ambas, as coisas se complicam um pouco.

Há quem para distinguir uma da outra (HENNIG, por ex.), procure retirar à geografia política a capacidade de investigar o *porquê* dos fatos geográficos, papel que ficaria monopolizado pela geopolítica. Isto

seria rebaixar a geografia teórica, cuja feição científica, isto é, de descobrir os porquês, lhe foi conquistada desde RATZEL, confirmada por VIDAL DE LA BLACHE, BRUNHES e VALLAUX, evidenciada por SUPAN e apresentada de modo irrefragável por MAULL em sua monumental *Politische Geographie*.

Em vez de retirar o caráter científico à geografia política, fôra preferível dar para móvel da diferenciação a sugestão de MAULL de que:

“A geopolítica nada mais é do que uma geografia política aplicada”.

com o que ficaria a geopolítica preferencialmente com o caráter prático no binário *“geografia política-geopolítica”*.

A definição de MAULL, com o ser simples, tem seus partidários, mas de fato apenas ladeia as dificuldades, por isso que por definição a geopolítica é explicitamente ramo da política. Seguramente MAULL teria sido levado a êsse conceito restritivo porque escrevendo o seu tratado de geografia política, após o aparecimento da obra capital de KJELLÉN, impregnou o seu escrito, aliás excelente e profundo, com o perfume vindo da Escandinávia.

A distinção apresentada por HAUSHOFER (7) parecerá sutil e nebulosa, mas, das que conhecemos, é a melhor. Pondo em confronto geopolítica e geografia política HAUSHOFER (7) assim as define:

“geopolítica é a ciência das formas da vida política nos espaços vitais naturais, compreendidos em sua vinculação ao solo e dependência dos movimentos históricos;

e

“geografia política é a ciência da distribuição do poder do Estado através dos “espaços” da superfície da Terra e na dependência da morfologia, clima e revestimento florestal dos mesmos”.

Dos conflitos da geopolítica aquele que se trava com a geografia política será o mais difícil de solver para quem ao encará-lo não se quiser colocar no ângulo filosófico. A diferenciação é de fato filosófica. A mesma questão teórica de “espaço”, o mesmo fato prático de “domínio”, pode ser visto de dois modos: já como questão (ou fato) político, e estará no raio da geopolítica, já como questão (ou fato) meramente geográfico, e o estudá-lo caberá à geografia política.

Melhor que palavras será, parece-nos, apresentar alguns exemplos de problemas geográficos mostrando como também podem ser focalizados em feição geopolítica.

⁷ Vide capítulo *Politische Erdkunde und Geopolitik* in *“Bausteine zur Geopolitik”*, pág. 49.

Alguns exemplos A melhor exemplificação que poderíamos apresentar seria, sem dúvida, buscar as fontes originárias, ir ao próprio KJELLÉN, não, é claro, nos seus livros de apresentação da doutrina (*Staat als Lebensform* e *Grundriss zu einem System der Politik*), mas nas obras de aplicação, principalmente a última "*Die Grossmächte und die Weltkrise*", que é afinal a edição, recomposta no ponto de vista de sua doutrina depois de sistematizada, de anteriores trabalhos sobre o mesmo assunto.

Nesse livro estuda KJELLÉN uma a uma as diretrizes políticas das grandes potências depois de, em modo sumário, descrever-lhes a geografia. É exame amplo, minudente, carinhoso, procedido segundo cada um dos cinco ângulos em que o autor subdivide a política. A face geopolítica, que, dentro da política, é sempre a mais importante, assume naturalmente maior extensão e maior profundidade. Para cada uma das potências a análise geopolítica é conduzida de modo diverso consoante as particularidades próprias a cada qual delas. Torna-se-nos difícil, senão inconveniente, abordar o tema neste momento de nova crise mundial, na qual, de novo, se reacendem as paixões sem a calma necessária para os julgamentos imparciais. Mas remetemos à obra o leitor interessado, que nela há de encontrar elementos para seguramente se orientar na maneira de tratar geopoliticamente problemas geográficos.

Na impossibilidade de nos valermos de exemplificação extraída da obra de KJELLÉN, vejamos uns dois ou três casos brasileiros que, conforme sejam tratados pela geografia política ou pela geopolítica, apresentar-se-ão em luz diferente. E para que mais fácil se torne ao leitor ulteriores confrontos, tomamo-los em livro nosso "*Problemas do Brasil*" ao alcance de qualquer mão.

A divisão territorial do Brasil é, sem dúvida, basicamente um problema de geografia política. Minuciosa descrição das linhas de fronteiras internas, dos acidentes físicos, da condensação da população, da distribuição das riquezas, encheria a narrativa da paisagem geográfica.

Assenhoreado que se esteja dessas condições de vida da nação absolutamente da esfera da geografia política, pode-se, então, reexaminar a nossa divisão territorial à luz da conveniência geral do Estado, por ex., da unidade nacional, do equilíbrio das forças vivas, da equipotência das unidades federadas. Tal estudo, ainda que apoiado em condições geográficas, tem nítidos objetivos políticos; é, pois, problema essencialmente de geopolítica. Não importa ao caso a solução apresentada como a melhor. Esta tanto pode ser uma redivisão, imparcial e fácil, de todo o território, por meio de paralelos e meridianos, à moda anglo-saxônia dos Estados Unidos e Austrália, como pode ser um reagrupamento de Estados, reunindo uns tantos pequenos, deixando intactos outros e parcelando os maiores, com o grave perigo de acentuar o bair-

rismo daqueles em que se não tocasse, de incrementar o regionalismo dos consolidados em uma só unidade, ou de provocar justos protestos dos poucos que fôsem subdivididos. Não importa, porém, repetimos, o critério de redivisão. Será sempre um problema não de geografia mas de política, de política ligada à geografia, isto é, de geopolítica.

Idênticas considerações poderiam ser feitas a propósito da *transferência da capital do Brasil*. A localização das cidades, é, indiscutivelmente, problema de geografia humana e, em particular, de geografia política. Igualmente quando se examinam as posições que as estatísticas demonstram ser as mais frequentes para as capitais, está-se, sem dúvida, em face de questão de geografia política. Analisai, porém, essa localização por outro aspecto, qual o da conveniência especial da escolha do local para sua construção, e tereis transportado o problema para o pleno domínio da política. As razões para seleção do local de uma nova capital são sempre combinadamente de ordem geográfica e de ordem política, o que lhes dá o caráter geopolítico. Lede o que se passou quando se quis escolher nova sede para o governo de Minas-Gerais, e dos vários debates ocorridos tirareis o ensinamento de que não foram apenas motivos geográficos, nem somente causas crato-políticas, as determinantes da decisão final, sinão o feliz consórcio de umas e outros em uma resultante geopolítica.

Exemplo ainda mais eloquente terá quem examinar o princípio do “espaço”, pedra angular ao mesmo tempo da geografia política e da geopolítica.

Mau grado todos os ataques feitos às doutrinas de RATZEL, a noção de “espaço” é a fundamental (juntamente com a de “posição”) a toda geografia humana, seja política, seja social, seja econômica, por isso que todos os fatos geográficos hão de fatalmente ocorrer em dado “espaço”, ou um simples povoado, ou um Estado, ou um Império, ou um continente, ou o ecumeno todo inteiro, o que evidencia ser a geografia de fato a ciência dos “espaços”.

Em geografia política os espaços são estudados segundo sua grandeza e forma, cada qual delas com vantagens e inconvenientes, vantagens e inconvenientes êsses familiares a quem conhece RATZEL no original e não através de comentadores por vêzes tendenciosos e raramente fidedignos. A análise dêsses predicados dos “espaços” é, portanto, tema indiscutível da geografia que nos leva a conhecer como os Estados pequenos crescem (principalmente em virtude da energia vital dos povos que os habitam) e como os Estados grandes se podem despedaçar à falta de fôrças coesoras suficientes.

Mas a noção de “espaço” é também basilar da geopolítica, pois a política que toma para ponto de referência ou de apoio o solo político está de fato se firmando em um substratum *espacial*. Os povos fortes

traçam suas diretrizes de govêrno visando, ou defender o espaço vital que anteriormente conquistaram, ou dilatar o espaço em que se debatem pela compressão externa. Estudai a história de todos os tempos, meditai a história dos três últimos séculos, depois da conquista dos mares pelos ibéricos, e verificareis que ela não difere da dos nossos dias: mudaram apenas as personagens, mas a “conquista de espaço”, foi, é e será o propulsor, egoístico e imperialista, de todos os objetivos fundamentais dos Estados.

Assim, pois, do mesmo princípio teórico de “espaço” a geografia humana estabelece umas tantas conclusões gerais, e a geopolítica deduz outras tantas consequências. São campos confrontantes, assaz próximos, e todavia diferentes.

Um outro exemplo. Há monografias que mau grado se dilatam por algumas dezenas de páginas em descrições geográficas são legítimos ensaios de geopolítica. A apresentação da paisagem geográfica, natural e cultural, é apenas introdução a conclusões de ordem política. São elas, portanto, monografias geopolíticas. Estão neste caso “*Russland*” de HETTNER e “*Rio Paraná*” de TEÓFILO DE ANDRADE. O primeiro, em fluente linguagem e elegante estilo, aliás como tudo quanto temos lido do brilhante autor, expõe, após minuciosa apresentação do quadro histórico geográfico da Rússia, os principais problemas políticos dele decorrentes. O segundo — *Rio Paraná* — é também um estudo geopolítico pois que focaliza o problema da navegabilidade dessa bacia como questão vital a ser desenvolvida em um programa de govêrno. A apresentação do *facies* físico da região e a descrição de atividades culturais (adensamentos da população, exploração econômica etc.) da região são a moldura e o pano de tela nos quais o autor desenha e dá colorido ao painel geopolítico em suas minúcias e consequências.

Quando alguém fala em política portuária ou na de viação do Brasil está realmente apresentando problemas geopolíticos e não de geografia política. Seguramente a rede ferroviária ou rodoviária uma vez que executada, os portos uma vez que em exploração teem consequências antropogeográficas, por isso que a população se redistribuirá de outro modo, mas seu planejamento e realização afetam indubitavelmente caráter geopolítico.

Como é fácil de compreender, nem todos os problemas políticos são sempre geopolíticos. Os outros quatro ramos da política também os teem próprios, e, por vêzes, bastante importantes. Seguramente quando GETÚLIO VARGAS fixa como uma das finalidades da vida nacional brasileira “*a marcha para o oeste*” está esquematizando programa geopolítico, mas quando se propõe a consolidar a “unidade nacional” traça um problema de cratopolítica.

Igualmente quando ALBERDI e SARMIENTO proclamam que “*gobemnar és poblar*” ou “*gobemnar és educar*” apresentam para suas administrações não tarefas geopolíticas, mas escopos demopolíticos ou sociopolíticos.

Cremos que estes exemplos bastam para esclarecer os conflitos da geopolítica com a história, com a geografia política e com a política geral, finalidades essas que constituíram o modesto objetivo desta nota.

RESUME

L'auteur de cet article, professeur EVERARDO BACKHEUSER qui, le premier, en 1925, a divulgué au Brésil les idées du penseur suédois RUDOLF KJELLÉN, créateur de la géopolitique, croit devoir éclaircir la confusion que beaucoup font de cette science, soit avec la géographie politique, soit avec la politique proprement dite.

L'auteur dit ensuite que l'étymologie du mot géopolitique est en parallèle avec les mots géophysique, géochimique, géostratégique, géopsychique, etc., conséquemment, par analogie avec ces mots, on le doit définir comme: “étant la politique faite en conséquence des conditions géographiques”. Elle se trouve être ainsi, une partie de la politique et non de la géographie.

En continuant, l'auteur fait un historique de la “genèse” des confusions. Il fait un résumé de la pensée de KJELLÉN et des interprétations données par les géographes, qui, par suite des circonstances, ont été les pionniers de la géopolitique. Il remémore, que l'organe central de la nouvelle pensée élargit à tel point les horizons de la géopolitique de KJELLÉN que l'on a finit par confondre, la partie avec le tout, et, la géopolitique avec la politique elle-même.

L'auteur analyse ensuite d'une manière détaillée, les conflits de la géopolitique avec l'histoire contemporaine, avec la politique et avec la géographie politique, en faisant de nombreuses citations d'auteurs qui défendent chacun des points de vue, en mentionnant, principalement: K. HANSHOFER, O. MAULL et R. HENNIG. En mettant en jeu toutes les opinions, l'auteur arrive à la conclusion que l'on ne doit pas s'écarter de la définition donnée par KJELLÉN, suffisamment claire, c'est à dire: que la géopolitique est à peine l'un des rameaux de la politique, ne pouvant être mise, d'aucune manière, en équivalence, ni avec la géographie politique, ni avec la politique générale.

Pour rendre sa pensée encore plus claire, l'auteur offre plusieurs exemples de la manière de voir de certains sujets suivant le point de vue de la géographie politique et de la géopolitique: division du territoire et localisation de la capitale du Brésil, plan du réseau du trafic et construction des ports dans notre Pays, et, d'une manière générale, la théorie de “l'espace”, qui est, en même temps, basique à l'une et à l'autre sciences.

RESUMEN

El autor de este artículo, profesor EVERARDO BACKEUSER, por haber sido, en 1925, el primer divulgador en el Brasil de las ideas del pensador sueco RUDOLF KJELLÉN, creador de la *geopolítica*, se juzga en el deber de traer algunos esclarecimientos sobre la confusión que muchos hacen de esa ciencia sea con la geografía política, sea con la política propiamente dicha.

Informa, entonces, que por la etimología la palabra *geopolítica* está en paralelo con la geofísica, geoquímica, geobélica, geopsíquica, etc., luego, por analogía con aquellos términos, debe ser definida como “la política hecha en consecuencia de las condiciones geográficas”. Es, pues, “parte de la política, y no de la geografía”.

Pasa después a tratar históricamente la génesis de las confusiones. Resume el pensamiento de KJELLÉN y las interpretaciones que le dieron los geógrafos que las circunstancias han hecho ser los pioneros de la geopolítica. Recuerda que el órgano central de la nueva idea ensanchó los horizontes de la geopolítica de KJELLÉN a punto de confundir la parte con el todo, la geopolítica con la política.

Da detalles de los conflictos de la geopolítica con la historia contemporánea, con la política y con la geografía política, refiriendo se abundantemente a autores que defienden cada uno de los puntos de vista, principalmente, K. HAUSHOFER, O. MAULL e H. HENNIG. Contrabalanceando todas esas opiniones llega a la conclusión que no se debe huir de la definición de KJELLÉN, bastante clara y elucidante, es decir, de que la geopolítica es solamente una de las ramas de la política, no siendo lícito darle equivalencia ni con la geografía política ni mucho menos con la política general.

Para hacer aun más claro su pensamiento trae el autor a discusión varios ejemplos de la manera de encarar ciertos asuntos bajo el punto de vista de la geografía política y de la geopolítica: división territorial y localización de la capital del Brasil, el plan de las redes de viación y de la construcción de puertos en nuestro País, y, de modo general, la teoría del “espacio” que es a un tiempo fundamental a la una y la otra de aquellas dos ciencias.

RIASSUNTO

L'autore di questo articolo, professor EVERARDO BACKHEUSER che per primo divulgò in Brasile, nel 1925, le idee del pensatore svedese RUDOLF KJELLÉN, creatore della *geopolitica*, si ritiene in dovere di fornire alcuni schiarimenti su questa scienza, che da molti è confusa o con la geografia politica, o con la politica propriamente detta.

La parola geopolitica è etimologicamente parallela alle parole geofisica, geochimica, geobellica, geopsichica, ecc., e deve essere definita come la "politica determinata dalle condizioni geografiche". È perciò "parte della politica, e non della geografia".

Tratta poi, storicamente, dell'origine delle confusioni. Riassume il pensiero di KJELLÉN e le interpretazioni dei geografi che le circostanze resero pionieri della geopolitica. Ricorda che l'organo centrale della nuova idea allargò gli orizzonti della geopolitica fino al punto di confondere la parte col tutto, la geopolitica con la politica.

Esponde i conflitti della geopolitica con la storia contemporanea, con la politica e con la geografia politica, citando largamente autori che difendono i vari punti di vista, tra i quali K. HAUSHOFER, O. MAULL e R. HENNIG. Confrontando le varie opinioni, conclude che non si deve abbandonare la definizione di KJELLÉN, sufficientemente chiara e chiarificatrice: che, cioè, la geopolitica è soltanto uno dei rami della politica e non può essere equiparata alla geografia politica, e tanto meno alla politica generale.

Per spiegare ancor meglio il suo pensiero, l'autore esemplifica il diverso modo in cui si devono considerare, dal punto di vista della geografia politica e da quello della geopolitica, certi argomenti, come la divisione territoriale e la localizzazione della capitale del Brasile, il piano delle reti di comunicazione e della costruzione di porti nel nostro Paese e, in generale, la teoria dello "spazio", che è fondamentale per entrambe le scienze.

SUMMARY

The author of this article, professor EVERARDO BACKHEUSER, the first to make known in Brazil in 1925 the ideas of the Swedish thinker, Rudolph KJELLÉN, the creator of "geopolitics", feels that it is his duty to cast some light upon the confusion, made by many, between it and either political geography, or politics properly speaking.

He informs that the word "geopolitics" is, etymologically, on a par with geophysics, geochemistry, geobellics, geopsychics, etc., and, therefore, by analogy, should be defined as "politics in consequence of geographic conditions". It is, therefore, a part of politics, and not of geography.

He then goes on to treat, historically, the genesis of these confusions. He sums up KJELLÉN's thoughts and the interpretations of geographers whom circumstances made into pioneers of geopolitics. He reminds that the central organ of the new creed widened the horizons of KJELLÉN's geopolitics to the point of confusing the part with the whole, that is, geopolitics with politics.

He details the conflicts of geopolitics with current history, with politics and with political geography, and cites abundantly authors who advocate each of these points of view, specially K. HAUSHOFER, O. MAULL and R. HENNIG. Counterbalancing all these opinions, he arrives at the conclusion that one should not depart from KJELLÉN's definition, sufficiently clear and explanatory, that geopolitics is only one of the branches of politics, it not being fair to make it equivalent to either political geography, or, still less, with general politics.

To render his thought still clearer, the author brings to the fore various examples of the way of facing certain subjects from the point of view of political geography and of geopolitics, such as territorial division and the localization of the capital of Brazil, the plan of highways network and of the building of harbours in our country, and, broadly, the "space" theory which is at the same time basic to one and the other of those two sciences.

ZUSAMMENFASSUNG

Herr Professor EVERARDO BACKHEUSER, der Urheber dieses Artikles, war im Jahre 1925 der erste Verbreiter der Ideen des schwedischen Denkers RUDOLF KJELLÉN, des Schöpfers der *Geo-Politik*, in Brasilien und deshalb glaubt er es seine Pflicht, einige Aufklärungen über die verwirrungen, die viele mit dieser Wissenschaft und der der geographischen Politik und mit der Politik in allgemeinen Sinn machen, zu geben.

Er erklärt zuerst, dass etimologisch das Wort "*Geo-Politik*" parallel zur Geo-Physik, Geo-Chemie, etc. steht und dass es deshalb in Analogie mit diesen Worten als "Politik, welche in Folge von geographischen Bedingungen erfogt, "angesehen werden muss. Daher ist es ein Teil der Politik und nicht der Geographie".

Dann erwähnt er die historische Entwicklung der Irrtümer. Er fasst die Gedanken KJELLÉNS zusammen, und die Auslegungen, die ihnen die Geographen gegeben haben. Diese wurden die Vorkämpfer der Geo-Politik. Er erinnert auch das zentrale Organ dieser neuen Idee die Horizonte der Geo-Politik KJELLÉNS erweitert haben, bis zudem Punkt dass ein Teil der Idee mit dem ganzen Verwechselt wurde nämlich die Geo-Politik mit der Politik.

Ferner erwähnt er die Konflikte der Geo-Politik mit der modernen Geschichte, mit der Politik und der politischen Geographie und zitiert viele Autoren, die alle die verschiedenen Gesichtspunkte verteidigen. Unter den letzteren seien besonders erwähnt K. HAUSHOFER, O. MAULL und R. HENNIG. Schliesslich kommt er zu dem Schluss dass man der Definition von KJELLÉN nicht fliehen kann, dass nämlich die Geo-Politik nur ein Teil der Politik sei und dass es nicht angebracht ist, ihr Gleichberechtigung weder mit der geographischen Politik noch mit der Politik im allgemeinen zu geben.

Um diesen, seinen Gedanken, noch klarer zu gestalten zeigt der Autor verschiedene Beispiele, in denen er dieselbe Frage vom Geopolitischen und Geographischpolitischen Standpunkt aus betrachtet: Die Einteilung Brasiliens wie auch die Fixierung der Hauptstadt, der Plan der Eisenbahnnetze und der Schaffung von Häfen in unserem Lande, und, im allgemeinen Sinne, erwähnt er die Theorie des "Raumes" welche die Basis der einen wie auch der anderen Wissenschaft ist.

RESUMO

La aŭtoro de tiu ĉi artikolo, profesoro EVERARDO BACKHEUSER, pro tio, ke li estis, en 1925, la unua diskoniganto, en Brazilo, de la ideoj de l' sveda pensinto RUDOLF KJELLÉN, kreinto de la *geopolitiko*, pensas, ke li devas alporti kelkajn klarigojn pri la konfuzo, kiun multaj personoj faras pri tiu scienco, jen kun la politika geografio, jen kun la ĝuste nomita politiko.

Tiam li informas, ke etimologie la vorto *geopolitiko* paralelas kun *geofiziko*, *geohemio*, *geobeliko*, *ko.*, kaj sekve analoge kun tiuj terminoj, ĝi devas esti difinita kiel "la politiko farita sekve de la geografiaj kondiĉoj". Ĝi estas do "parto de la politiko kaj ne de la geografio".

Poste li pritraktas historie la originon de la konfuzoj. Li resumas la penson de KJELLÉN kaj la interpretojn donitajn de la geografiistoj, kiujn la cirkonstancoj faris la pioniroj de la geopolitiko. Li memorigas, ke la centra organo de la nova kredo plivastigi la horizontojn de la geopolitiko de KJELLÉN tiagrade, ke ĝi konfuzis la parton kun la tuto, la geopolitikon kun la politiko.

Li detaligas la konfliktojn de la geopolitiko kun la nuntempa historio, kun la politiko kaj kun la politika geografio, abunde citante aŭtorojn, kiuj defendas ĉiun el la vidpunktoj, nome K. HAUSHOFER, O. MAULL kaj R. HENNIG. Kontraŭpezante ĉiujn tiujn opiniojn li konkludas, ke oni ne devas forigi de la difino de KJELLÉN, sufiĉe klara kaj klariga, tio estas ke la geopolitiko estas nur unu el la branĉoj de la politiko, kaj ne estas juste doni al ĝi samvaloron, nek kun la politika geografio, nek, des pli prave, kun la ĝenerala politiko.

Por ankoraŭ pliklarigi sian penson la aŭtoro alportas al la diskutado diversajn ekzemplojn pri la maniero rigardi certajn temojn laŭ la vidpunkto de la politika geografio kaj de la geopolitiko, nome: teritoria divido kaj lokigo de la ĉefurbo de Brazilo, la plano de la vojaraj retoj kaj de la konstruaĵoj de havenoj en nia lando, kaj, ĝenerale, la teorio de la "spaco", kiu estas samtempe baza al ĉiu el la du sciencoj.